



Revista Plan International Brasil
Edição #15 | Julho 2017

DEBATE SOBRE GÊNERO ENTRA DE VEZ NA PAUTA DA SOCIEDADE

PAG. 04

AGORA É A VEZ DELAS
LIDERAREM!

PAG. 14

PRITT FINANCIA
ESPAÇOS
EDUCACIONAIS
EM ZONAS
RURAIS DO
MARANHÃO

PAG.20



EDITORIAL

Estamos lançando mais uma edição da Revista da Plan, desta vez comemorando os nossos 20 anos de atuação no Brasil. No mundo, a Plan International atua há 80 anos!

Desde que começamos nossas atividades, já fizemos muito pela promoção e defesa dos direitos das crianças no Brasil, principalmente pelas do Nordeste do País - que ainda têm os piores IDHs e o maior número de crianças excluídas e marginalizadas. Nossa responsabilidade aumenta na proporção de nossa consciência.

Só em 2016, 28.960 meninas, meninos e adolescentes participaram de nossos projetos e programas de desenvolvimento integral, ou sendo capacitados para reconhecer seus direitos, ou sendo preparados para o enfrentamento de violências, ou recebendo educação sobre como cuidar de sua saúde sexual e reprodutiva, ou sendo preparados para o mercado de trabalho; já seus pais, mães e gestores, num total de 7.310, participaram de oficinas educativas e cursos sobre desenvolvimento integral e/ou foram preparados, nas escolas públicas, para implementar ações de proteção contra as diversas formas de violência.

Em nosso planejamento estratégico - quinquenal, reavaliado anualmente - temos o desafio de sermos uma referência dos direitos das crianças e adolescentes no Brasil. Por ser

uma organização internacional, que atua em 71 países, a Plan International Brasil recebe e aplica recursos financeiros de fora, mas também capta recursos internamente, o que consideramos um grande desafio, uma vez que estamos falando de um cenário econômico atual bastante crítico.

E, por fim, não só em nome da atual equipe da Plan International Brasil, mas de todos os profissionais que já atuaram na organização, eu agradeço os parceiros, patrocinadores e nossos doadores.

Obrigada! Boa leitura!



Anette Trompeter – Diretora Nacional
Plan International Brasil

Revista

Coordenação: Monica Souza

Redação: Marcelo Bolzan

Fotos: Banco de imagens da Plan International
Foto 4ª capa: Maurício Sousa

Projeto gráfico e diagramação:
Denise Fragoso

Distribuição

A Revista Plan International Brasil é um meio digital de informação sobre os programas e projetos da Organização, cujo conteúdo é voltado para divulgar as nossas ações entre parceiros, colaboradores e grande imprensa.

Plan International Brasil

Anette Trompeter
Diretora Nacional

Equipe de Comunicação
Plan International Brasil

e-mail: plan@plan.org.br
WWW.PLAN.ORG.BR

SUMÁRIO

04 DEBATE SOBRE GÊNERO ENTRA DE VEZ NA PAUTA DA SOCIEDADE

08 COMO O DESPRINCESAMENTO É UM PASSO FUNDAMENTAL PARA O PROTAGONISMO DAS MENINAS E MULHERES NA SOCIEDADE

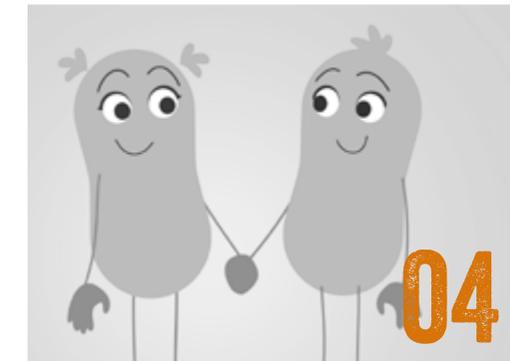
14 AGORA É A VEZ DELAS LIDERAREM!

16 ATUAÇÃO DA PLAN INTERNATIONAL BRASIL CULMINA EM APROVAÇÃO DA RESOLUÇÃO 180

17 MANUAL ENSINA A CONSTRUIR BRINQUEDOS

18 ONGS SE UNEM PARA COMBATER A EXPLORAÇÃO E O ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

20 PRIT FINANCIARIA ESPAÇOS EDUCACIONAIS EM ZONAS RURAIS DO MARANHÃO



DEBATE SOBRE GÊNERO ENTRA DE VEZ NA PAUTA DA SOCIEDADE



COMO O DESPRINCESAMENTO É UM PASSO FUNDAMENTAL PARA O PROTAGONISMO DAS MENINAS E MULHERES NA SOCIEDADE



AGORA É A VEZ DELAS LIDERAREM!



ONGS SE UNEM PARA COMBATER A EXPLORAÇÃO E O ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

DEBATE SOBRE GÊNERO ENTRA DE VEZ NA PAUTA DA SOCIEDADE

#DesafiodaIgualdade

provoca sociedade ao questionar o machismo institucional e quer quebrar estereótipos de gênero que começam na infância



“Em todos os tribunais constitucionais onde há mulheres, o número de vezes em que as mulheres são apartadas é 18 vezes maior do que entre os ministros”. O que você pensaria se estivesse sentado, assistindo à TV Justiça e, no meio de uma transmissão de uma seção do STJ, ao invés de ouvir um pronunciamento da sua Excelentíssima Presidente, Ministra Cármen Lúcia - segunda mulher a ocupar o cargo na história do Brasil - ouvisse este desabafo baseado em pesquisas? Se pensou que a questão da desigualdade de gênero está cada dia mais inserida na sociedade, continue lendo...

O tema da desigualdade de gênero chegou ao STJ, e não como um caso a ser julgado; mas como uma dor que afeta as únicas duas mulheres que ali estão e são interrompidas por seus colegas homens. No caso, a Ministra Cármen Lúcia interpelava para defender a colega Ministra Rosa Weber que era interrompida incessantemente pelo Ministro Luiz Fux.

Nos últimos meses diversos acontecimentos na sociedade reforçaram a importância de se debater a questão da desigualdade

de gênero no Brasil. Desde assédios e outros tipos de violência com grandes repercussões, como os casos do ator José Mayer e o do cantor Vitor, até as violências diárias ocorridas em todas as classes sociais.

Não é novidade que a desigualdade de gênero é uma realidade vivida pelas meninas e mulheres em todo o Brasil. Fazer barulho para tornar esta questão mais visível pode fazer com que a informação construtiva, que ajude na formação consciente do cidadão chegue aos ainda reticentes ao tema. É nesta linha que têm agido muitas ONGs, como a ‘Olga’, criada em 2013 e o blog #AgoraÉQueSãoElas criado em 2015. Outras iniciativas de debate e militância também abriram espaços ao tema, levando-o de fato a ambientes onde antes ele era um tabu.

Algumas estatísticas recentes já mostram avanços em relação à inserção das mulheres na sociedade e no mundo do trabalho, mas ainda estamos longe de passar para a igualdade. As mesmas pesquisas também apontam grandes obstáculos a serem superados e eles começam bem cedo, na infância das meninas e meninos.

DEVER DE CASA

Segundo o estudo “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”, com base em séries históricas de 1995 a 2015 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, os lares brasileiros, cada vez mais, são chefiados por mulheres. Em 1995, 23% dos domicílios tinham mulheres como pessoas de referência. Vinte anos depois, esse número chegou a 40%. Cabe ressaltar que as famílias chefiadas por mulheres não são exclusivamente aquelas nas quais não há a presença masculina: em 34% delas, havia a presença de um cônjuge.

Por outro lado, as mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais que os homens por

semana. Em relação às atividades não remuneradas, mais de 90% delas declararam realizar atividades domésticas – proporção que se manteve quase inalterada ao longo de 20 anos. Ou seja, apesar das conquistas econômicas e sociais das mulheres na sociedade, resultado de muito esforço e investimento pessoal, elas ainda são vistas as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico.

As mulheres trabalham, chefiam suas famílias e realizam as tarefas domésticas, fazendo que seu dia tenha duas, três ou quatro jornadas. Enquanto isso, em 20 anos, pouco o homem avançou neste sentido, uma vez que a mesma proporção deles (50%) declara realizar afazeres domésticos.

#DESAFIODAIGUALDADE

Estes dados mostram a necessidade de informação e educação sobre a igualdade de gênero no Brasil. Neste contexto, a Plan International Brasil lançou em 2016 a campanha **#DesafioDaIgualdade**. A iniciativa pretende chamar a atenção da sociedade para “O que você pode fazer pela igualdade de gênero na infância? A ideia é fazer com que cada pessoa, no seu dia-a-dia, tome atitudes para mudar os pequenos hábitos enraizados na cultura do brasileiro que levam ao machismo institucional. A iniciativa faz parte do movimento “Por Ser Menina” e propõe uma reflexão sobre a educação que é dada às crianças, principalmente sob a ótica da igualdade de gênero.

“O machismo é reforçado todos os dias por cada um de nós, mesmo que inconscientemente. Os meninos não podem fazer atividades domésticas, as meninas não podem brincar de bola. Com essa iniciativa, estamos propondo à sociedade a quebra desse estereótipo, que começa dentro de nossas casas, nas salas de aulas, nos espaços de convivência. Precisamos criar ambientes com direitos e oportunidades iguais para todos, meninos e meninas”, diz Anette Trompeter, diretora nacional da Plan International Brasil.

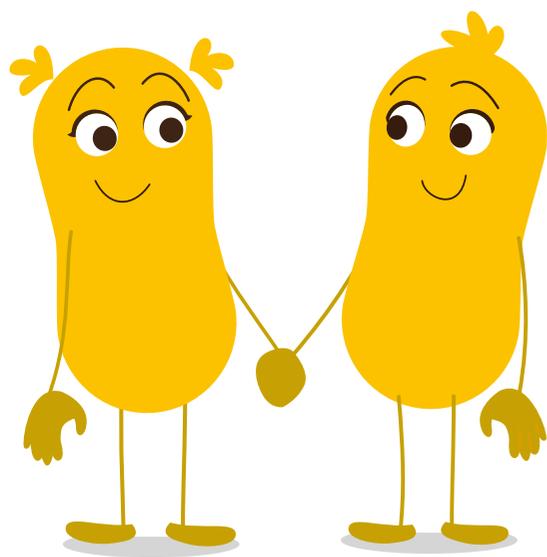


Ilustração: Guísela Araujo

“ O machismo é reforçado todos os dias por cada um de nós, mesmo que inconscientemente. ”

Anette Trompeter,
diretora nacional da Plan
International Brasil.

Outro ponto fundamental de discussão atualmente é qual o momento ideal para trabalhar as questões de gênero. Para construir a campanha, a Plan International Brasil contou com a colaboração de diversos especialistas - educadores, pedagogos, jornalistas e atores da sociedade civil - para concluir que a discussão pode ser iniciada na educação.

NAS ESCOLAS TAMBÉM SE APRENDE A DESIGUALDADE

“A sociedade do século 21 tem por vantagem a possibilidade de dizer, não precisa ser assim. Precisamos quebrar essa ideia de que o chefe deve ser homem e a mulher deve servir a este homem”, afirma Amélia Artes, pedagoga da Fundação Carlos Chagas. “Enquanto a escola não quebrar este ciclo, a sociedade vai continuar valorizando isso”, comenta a jornalista Paula Peres.

Pensando em como promover a educação sem machismo, a Plan International Brasil propôs uma série de materiais de apoio à educação que ajuda a sensibilizar, inspirar e apoiar os profissionais da educação a encararem o desafio em sua rotina. São vídeos, documentários e web séries que podem ser baixados gratuitamente e utilizados, inclusive, como proposta de atividades em sala de aula.

ESCUTAR A SALA DE AULA: UM IMPORTANTE APRENDIZADO

Um exemplo deste trabalho em sala de aula está na pedagoga e diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Amorim Lima, Ana Elisa Siqueira. Em seu trabalho, ela luta para colocar o debate sobre gênero no dia-a-dia da escola, fato que já até repercutiu entre políticos contrários a ideia. “É muito importante que os educadores estejam atentos para perceber qual é a demanda, o que as crianças estão trazendo”, afirma Ana Elisa.

Existem muitas formas de se promover uma educação pela igualdade e a Plan International Brasil acredita que cada pai, mãe ou professor pode desenvolver seus próprios meios. Mas também entende que, para começar, os educadores precisam de algumas informações

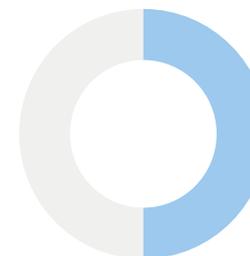
básicas para entender as questões de gênero e começar a lidar com elas a partir de uma nova abordagem, capaz de identificar as situações de desigualdade e combatê-las.

“O machismo é sempre prejudicial. Esta questão dos papéis e lugares de homens e mulheres é um grande desafio. Temos que buscar novas histórias, novas narrativas, novos jeitos de ser, buscar personagens femininas, etc. Como educadores, precisamos pensar sobre isso cada vez mais” afirma a professora Luana Almeida.

Por isso, a campanha disponibiliza em seu site - **desafiodaigualdade.org** - As desigualdades no Brasil e no mundo - dados que confirmam que a desigualdade de tratamento iniciada na infância gera impactos por toda a vida das meninas, chegando à fase adulta.

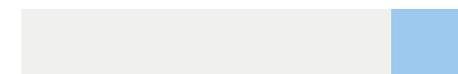
CONFIRA ALGUNS DADOS E SEUS IMPACTOS:

O Brasil é o **4º lugar** no ranking de uniões precoces

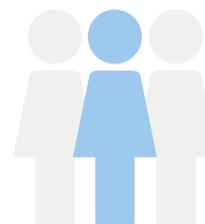


Metade das meninas que vivem nos países em desenvolvimento estarão casadas **antes de completar 20 anos**

No Brasil, **19% dos nascidos vivos é filho de uma menina entre 14 e 19 anos.**



A gravidez na adolescência é uma das principais causas de abandono escolar, e as adolescentes estão mais vulneráveis a morrer no parto;



Uma em cada três mulheres sobreviveu a algum tipo de violência baseada em gênero, muitas vezes dentro de suas próprias casas



Estudo realizado pelo Instituto Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (INPETI) e pela Plan International Brasil, constatou que ainda existem mais de **200 mil meninas brasileiras trabalhando**; a grande maioria são negras, estudam menos que outras meninas, e perdem sua infância em atividades não adequadas para sua etapa de vida

A participação das mulheres na vida política continua sendo desigual; no Brasil as mulheres ocupam **menos de 10% dos cargos públicos.**





**COMO O
DESPRINCESAMENTO
É UM PASSO
FUNDAMENTAL PARA
O PROTAGONISMO
DAS MENINAS
E MULHERES NA
SOCIEDADE**

Histórias de meninas que
buscam seu espaço na
sociedade são exemplos
sobre o poder do
engajamento e informação
sobre seus direitos

Alice, a personagem de Lewis Carroll era uma líder nata. Aos poucos, na trilha que inicia solitária, vai liderando todos que aparecem. 'É uma menina que pergunta tudo, questiona, encara todos nos espaços onde chega e se impõe. Não é uma princesa que aguarda o príncipe para salvá-la, acordá-la e, em seguida, apresentar-lhe onde ela pode viver, com ele, e serem felizes para sempre. Na fantasia do autor de uma das histórias infantis mais lidas no mundo, ele não revela como Alice foi formada para ter aquele espírito desbravador de novos espaços.

Já as princesas – não só as dos contos, como os dos Irmãos Grimm, mas as da vida real, são meninas ou moças passivas, a quem cabe esperar o destino lhes apresentar com quem irão se casar e o que será de seu futuro. Por isso, atualmente se fala em 'desprincesamento', quando se trata de oferecer informação para que as meninas sejam o que elas quiserem, tenham informações para se tornarem as protagonistas de suas próprias vidas. Nos dias de hoje, com a atual exclusão de mulheres dos espaços públicos e da política é necessário que as meninas aprendam como reconhecerem em si e exercerem o poder de se fazerem presentes nas decisões, quer sejam elas de políticas públicas, quer sejam da trajetória profissional.

É recente o fenômeno da formação dos 'Coletivos Femininos' nas escolas particulares de todo o Brasil. Neles, vê-se, nitidamente, que as meninas adolescentes que já demonstram ter um espírito de liderança promovem a inclusão de outras meninas para batalhar pela conquista não só de serem ouvidas e conquistarem mais espaço no ambiente escolar, mas também de chamar a atenção do corpo docente para as questões de gênero.

Incentivar o protagonismo e a conquista de novos espaços pelas meninas tem sido um dos principais focos do trabalho realizado pela Plan International Brasil. São diversos projetos, distribuídos por vários estados brasileiros, que têm como pano de fundo o empoderamento feminino, incentivado desde a infância.



Foto: JASF

“ Não há nenhum país no mundo onde as meninas experimentam a verdadeira igualdade de gênero ” Anette Trompeter, diretora nacional da Plan International Brasil

#MENINASOCUPAM

Maria Eduarda, Maria Fernanda, Maria de Fátima e Rayane. O que elas têm em comum além de serem meninas ou adolescentes? Elas estão vivenciando, desde cedo, como é empoderar-se, tomar decisões, propor. E, por um dia, sentiram na pele como é ocupar cadeiras na gestão pública por meio da campanha **#MeninasOcupam**, pela Plan International.

Para Maria Eduarda, que reconhece ter aprendido a ter voz por meio das oficinas e dos debates realizados e incentivados pela Plataforma Meninas no Poder – criada pela Plan International Brasil em convênio com o CONANDA (Governo Federal) e prevê a realização de oficinas sobre empoderamento, liderança e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5) - o dia de sua “ocupação” será emblemático e a marcará por toda a vida. “Foi a primeira vez que vi uma mulher negra no poder, lutando ali, em um cargo de importância, pelo direito das mulheres negras. Para mim foi extasiante, me fez sentir o gostinho do que é ter a possibilidade de ocupar grandes espaços, porque eles são meus! E eu devo, sim, ocupá-los!”.

Em São Paulo, Maria Eduarda, 18 anos, ocupou a cadeira da secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo, Djamilia Ribeiro. Moradora do Grajaú, Maria Eduarda se reuniu com a secretária e a acompanhou durante um dia em reuniões e outras atividades da pasta.

Aos 17 anos, Maria Fernanda ocupou por um dia o posto de secretária de Estado da Mulher de São Luís (MA). Muito além de tomar medidas efetivas de defesa dos direitos das mulheres, o que a adolescente fez foi vivenciar uma experiência que, infelizmente, para muitas meninas brasileiras, só existe no imaginário.

Cargos ocupados: Em Teresina, Maria de Fátima, 13 anos, assumiu o posto de coordenadora municipal de Políticas Públicas para Mulheres, e Rayane Esthefany, 9 anos, substituiu a Coordenadora Estadual de Políticas Públicas para Mulheres - CEPM.

Em Recife (PE), as meninas ocuparam espaços de gestão de escolas onde o projeto funciona. Por um dia, elas foram professoras, diretoras, coordenadoras ou secretárias dentro de seis unidades de ensino.

A campanha **#MeninasOcupam** aconteceu pela primeira vez na semana de 11 de outubro, em comemoração ao Dia Internacional das Meninas - data instituída pela ONU. Liderada pela Plan, a iniciativa foi um ato histórico para marcar a luta pelo direito à igualdade de gênero: mais de 200 meninas, de aproximadamente 50 países onde a Plan International está presente, ocuparam cadeiras de presidentes, CEOs, apresentadores de TV e gestores públicos.

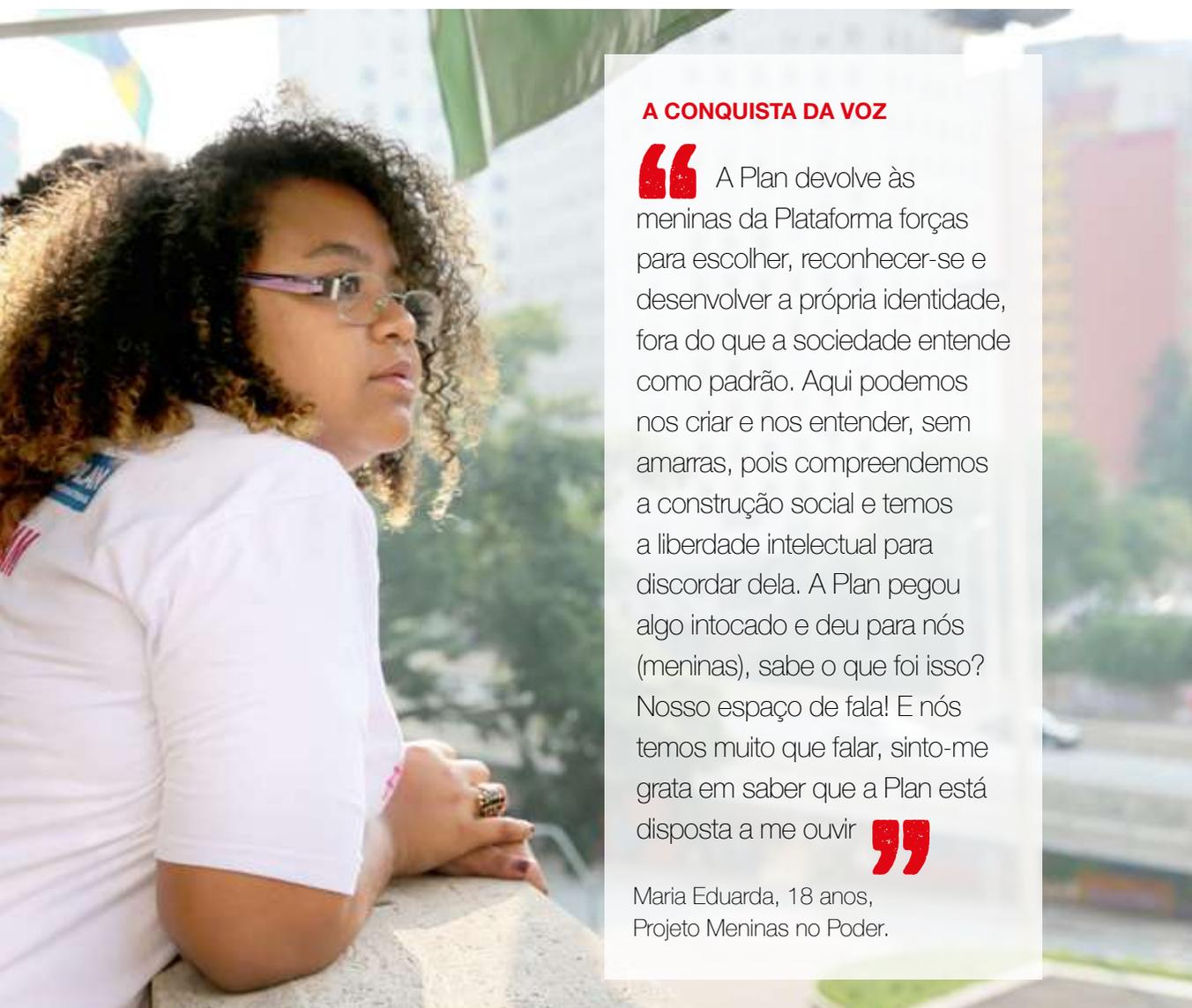
No Brasil, as “ocupações” chegaram a prefeituras, secretarias e escolas de cidades como São Luís e Codó (MA), Recife (PE), São Paulo (SP) e Teresina (PI). Ao ocupar estes cargos, as meninas lembraram à sociedade alguns dados relevantes sobre a discriminação de gênero: apenas 10 dos 152 presidentes eleitos, e menos de 4% dos CEOs que dirigem as 500 principais corporações em todo o mundo, são mulheres.

“O **#MeninasOcupam** é uma grande demonstração do poder e da capacidade que as meninas têm para mudar o mundo”, afirma Anette Trompeter, diretora nacional da Plan International Brasil.

Para este ano a realização da mesma iniciativa já está confirmada, apenas dependendo da sua nova programação. Outras meninas ocuparão novas cadeiras



Maria Eduarda no posto de Secretária de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, Djamilia Ribeiro; Rayane na Coordenadora Estadual de Políticas Públicas para Mulheres - CEPM, Haldaci Regina; Larissa ocupando a cadeira do governador do estado do Piauí, Wellington Dias; Maria de Fátima assumiu o posto de coordenadora municipal de Políticas Públicas para Mulheres, Marcilane Gomes.



A CONQUISTA DA VOZ

“ A Plan devolve às meninas da Plataforma forças para escolher, reconhecer-se e desenvolver a própria identidade, fora do que a sociedade entende como padrão. Aqui podemos nos criar e nos entender, sem amarras, pois compreendemos a construção social e temos a liberdade intelectual para discordar dela. A Plan pegou algo intocado e deu para nós (meninas), sabe o que foi isso? Nosso espaço de fala! E nós temos muito que falar, sinto-me grata em saber que a Plan está disposta a me ouvir ”

Maria Eduarda, 18 anos,
Projeto Meninas no Poder.

Foto: Janaina Barbosa

PLATAFORMA MENINAS NO PODER

Algumas das ocupações foram feitas por participantes da Plataforma Meninas no Poder, projeto iniciado em setembro de 2016 e realizado nas cidades Porto Alegre (RS), São Luís (MA), Belém (PA), São Paulo (SP) e Brasília (DF).

A iniciativa, que ocorre em plataforma digital, por meio de um convênio com o CONANDA (Governo Federal), prevê a realização de oficinas sobre empoderamento, liderança e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5). Com isso, busca promover a mobilização e a formação de 200 meninas entre 14 e 18 anos. A Plataforma incentiva e fortalece a participação cidadã, o protagonismo, a incidência e o controle social sobre as políticas públicas referentes aos seus direitos.

As meninas de Brasília, Porto Alegre e São Paulo estão elaborando seus Planos de Ação de Incidência. Na primeira fase desse processo, elas pautam principalmente os direitos sexuais e reprodutivos, a representatividade das

mulheres na política, saneamento básico, gênero, educação e questões LGBT. “Até o momento, as meninas deliberaram que visitariam escolas e UBS em suas comunidades, elaborariam posts sobre os ODS e sobre a representatividade das mulheres em cargos e postos de liderança”, antecipa Bárbara Barboza, Coordenadora da Plataforma Meninas no Poder.

“Em São Paulo, uma característica do Projeto é trabalhar com meninas que já participam de coletivos bem engajados, com uma atuação forte nas temáticas feminismo, LGBT, racismo, igualdade de gênero etc. Então, a Plan tem contribuído para o fortalecimento do protagonismo dessas meninas, que estão se organizando em suas comunidades, em ações de engajamento e promoção do debate de temas que até então eram considerados tabu.”, explica Bárbara.

O Festival Feminicidade, a Escola de Desprincesamento e o Coletivo Perifraseando são alguns exemplos de iniciativas com a participação de jovens da Plataforma Meninas no Poder.

PARCERIAS PELO EMPODERAMENTO

Para implementação e alcance dos objetivos de seus projetos, a Plan International Brasil conta com o apoio de diversos parceiros e na Plataforma Meninas no Poder, não é diferente. Desde fevereiro a ONG Aldeias Infantis SOS é uma das parceiras na iniciativa.

O trabalho nas Aldeias Infantis tem como foco a perspectiva da promoção da autonomia e desenvolvimento das crianças atendidas e, para isso foi criada uma Política de Igualdade de Gênero que traça diretrizes para o empoderamento e engajamento de meninas. Através da parceria já foram promovidas Oficinas de Empoderamento em oito Programas da organização.

“Esta parceria tem contribuído para qualificar o trabalho das equipes das Aldeias. A Plataforma é um instrumento poderoso de conexão e despertar. A cada oficina e atividade, podemos perceber a transformação que

vai acontecendo, a força que as meninas vão encontrando dentro de si, e a importância da colaboração entre elas”, conta Michéle Mansor, Coordenadora e Articuladora Nacional da Política de Igualdade de Gênero.

A participação das instituições do poder público também é fundamental para o alcance e sucesso da iniciativa. Diante desse contexto, a Plan vem realizando suas oficinas nos Projetos da Subsecretaria de Promoção de Políticas para Criança e Adolescente e Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude, em Brasília (DF).

Para a subsecretária, Perla Ribeiro, levar a discussão sobre Desigualdade de Gênero para o âmbito das políticas públicas é o que pode mudar a realidade atual. “Acredito no processo de mudança e estamos trabalhando para a construção de uma nova cultura de entendimento e garantia de direitos.”

AGORA É A VEZ DELAS LIDERAREM!

Escola de Liderança formou 150 meninas no Brasil em 2016

Para contribuir na formação dessas meninas, fornecendo ferramentas que as empoderam na prevenção das violências de gênero, e desenvolvam suas habilidades para a vida, a Plan International Brasil realizou, ao longo de 2016, o projeto 'Escola de Liderança para Meninas'. A iniciativa, que tem a parceria do Instituto C&A, mobilizou e formou cerca de 150 adolescentes em seis municípios do Maranhão: São Luís, São José do Ribamar, Paço do Lumiar, Codó, Timbiras e Peritoró.

Entre os diversos objetivos da Escola, destaca-se o de proporcionar um ambiente de aprendizagem e um ferramental capaz de fazer com que as meninas reconheçam em si, ou desenvolvam, a capacidade de participar dos espaços e processos de formulação e deliberação das políticas públicas que afetam suas vidas.

O currículo da 'Escola de Liderança para Meninas', que se baseia na metodologia de empoderamento e participação cidadã, foi o fio condutor de um processo no qual as meninas aprenderam sobre direitos e sobre os espaços de controle social e seus funcionamento, permitindo que as participantes pudessem se reconhecer nesses espaços.

A ideia é que as meninas que participam da Escola de Liderança sejam capazes de identificar riscos, se proteger e pedir ajuda, mas, ao mesmo tempo, estejam preparadas para participar dos espaços e processos de formulação e deliberação das políticas públicas que afetam suas vidas.

Ao focar o processo de incidência den-

“ Todas as vezes que uma menina se sentir capaz e participar, ela exercerá seu poder. Mas, para saberem como e onde podem participar, precisam conhecer os espaços, e este é o ponto central da Escola de Liderança para Meninas ”

Flávio Debique, gerente técnico de Proteção Infantil e Incidência Política da Plan International Brasil.

tro dos ambientes garantidores de direito de cada localidade das meninas participantes, o processo da Escola de Liderança provoca, também, a sensibilização dos representantes políticos para a necessidade de engajar as meninas nesses processos.

“O projeto traz essa contribuição e o resultado esperado é que, a partir dessa nova consciência, as meninas comecem a construir outro olhar sobre si e sobre os lugares em que podem estar. Seja na escola, nos municípios ou nos bairros, pretendemos que elas comecem a participar e continuem em processo de amadurecimento, acreditando que o campo da participação política é destinado a todas elas”, explica o gerente técnico de Proteção Infantil e Incidência Política da Plan International Brasil, Flávio Debique.

Nesse contexto, dentro da programação da Escola de Liderança foram realizadas visitas a organizações lideradas por mulheres para que as meninas pudessem se projetar. A Plan International Brasil apresentou locais onde as mulheres já têm seus direitos respeitados, incentivou as meninas a construírem um plano de incidência, e também a cria-

rem, a partir disso, uma mobilização para a garantia de direitos. “Com a sensibilização de especialistas do sistema de garantia de direitos esperamos que as políticas públicas sejam sensíveis ao gênero e que os espaços de tomada de decisões sejam um lugar onde as meninas possam estar e que suas vozes sejam ouvidas”, acredita Debique.



DO BRASIL PARA A FRANÇA

Luana Natalia é uma das jovens que participou da Escola de Lideranças para Meninas e também do projeto Essa é Minha Vez. Em janeiro deste ano ela esteve em Paris, na França, participando de diversos encontros no Senado francês. Intitulados "Mesas redondas do Senado - Fala Juventude!", esses eventos reuniram jovens de diversos países para momentos de reflexão e debate em torno dos **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs)**. O evento contou com o apoio da Plan International.

No encontro, cada jovem teve seu discurso focado nos ODSs. No caso de Luana, a estudante abordou o Objetivo 5, que diz respeito à promoção da igualdade de gênero. "Eu luto pelos meus direitos, pela igualdade,

por programas de educação de qualidade e de saúde, e também para uma sociedade melhor para mim e para todas as meninas e mulheres. No Brasil, nós sofremos violência apenas por sermos meninas e o que me intriga mais é a dificuldade que nós temos em defender nossos direitos", afirmou Luana.

Em sua fala, Luana também mencionou uma importante ação do projeto Essa é Minha Vez em 2015: a criação da Declaração das Meninas do Brasil, que tem como objetivo incluir na agenda de desenvolvimento mundial as questões pertinentes a elas. "Criamos a Declaração das Meninas do Brasil para melhorar o acesso à saúde sexual e reprodutiva das meninas. A juventude é o presente e nós temos que conhecer e defender os nossos direitos".

ATUAÇÃO DA PLAN INTERNATIONAL BRASIL CULMINA EM APROVAÇÃO DA RESOLUÇÃO 180

Aprovada pelo CONANDA, resolução promove a igualdade de gênero

Um dos trabalhos da Plan International Brasil é atuar junto a órgãos governamentais para assegurar a garantia de direitos de meninas e meninos. As práticas de advocacy, como é conhecido este trabalho, tiveram importantes resultados em 2016 no que diz respeito à luta pela igualdade de gênero. Um dos destaques foi a aprovação da Resolução 180 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), que dispõe sobre a igualdade de direitos entre meninas e meninos nas políticas públicas de atenção, proteção e defesa de crianças e adolescentes em nível nacional.

Segundo o gerente técnico de Proteção Infantil e Incidência Política da Plan International Brasil, Flávio Debique, as resoluções do CONANDA são observadas no momento em que os governos - federal, estadual e municipal - formulam as suas leis. "A tarefa que temos agora é difundir essa resolução e subsidiar os formuladores e tomadores de decisão para que, assim como estabelece o texto da resolução, eles assegurem a igualdade de direitos entre meninas e meninos, com prioridade absoluta, contra discriminações em todas as áreas, como educação, saúde, assistência social, cultura e esporte, além de proteção e defesa", explica Flávio.

“ A Resolução 180 do CONANDA é um passo formal de políticas públicas importantíssimo para assegurar e fortalecer iniciativas para a igualdade de gênero em todo o Brasil ”

Flávio Debique, gerente técnico de Proteção Infantil e Incidência Política da Plan International Brasil

OUTRAS CONQUISTAS:

O Governo Federal anunciou, através da Secretaria Nacional para os Direitos de Crianças e Adolescentes, a criação de uma Área de Empoderamento das Meninas, dentro da estrutura da secretaria. É a primeira vez que o Brasil cria uma estrutura federal específica para promover os direitos das meninas e Plan International Brasil está contribuindo nessa iniciativa.

Em parceria com o Instituto Indica e com o UNICEF, a Plan International Brasil lançou a publicação "Empoderamento de Meninas: como iniciativas brasileiras estão ajudando a garantir a igualdade de gênero", que apresenta uma série de iniciativas de empoderamento de meninas em todo o território nacional. Clique aqui para conhecer a publicação na íntegra.

[CLIQUE AQUI E CONHEÇA A ÍNTEGRA DA RESOLUÇÃO 180 DE 2016](#)

MANUAL ENSINA A CONSTRUIR BRINQUEDOS

"Cardápio" traz dicas e orientações para interação com crianças de 0 a 6 anos



Brincar faz parte da vida das crianças. É brincando que elas iniciam sua interação com o mundo, estabelecendo formas de comunicação, relacionamento e experimentação. O brincar é uma atividade constante e natural, que estimula o aprendizado e a apreensão de valores culturais e sociais.

Fortalecer, portanto, o direito das crianças ao brincar é uma maneira de garantir a elas o seu pleno desenvolvimento. Por isso, a Plan International Brasil, em parceria com a NIVEA, desenvolveu o Cardápio de Brinquedos e Brincadeiras, que tem como objetivo orientar pais, mães, cuidadores, cuidadoras, professores, agentes comunitários de saúde e gestores da rede intersetorial da Primeira Infância na organização de um ambiente lúdico, no uso de brinquedos, materiais e brincadeiras adequadas para crianças de 0 a 6 anos.

O cardápio traz o passo a passo para a construção de brinquedos, divididos por faixa

etária, e também orientações sobre como o adulto pode apoiar nos cuidados com o ambiente, na seleção dos materiais para brincar, e na construção de brinquedos junto com a criança ou para a criança.

O cardápio é mais uma iniciativa do projeto Famílias que Cuidam, lançado em 2014 pela Plan International Brasil, em parceria com a NIVEA, para melhorar o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 6 anos por meio de ações intersetoriais direcionadas ao fortalecimento das competências familiares envolvendo as crianças, mães e pais, cuidadores, profissionais de saúde, educação, ação social e as comunidades. Além de incentivar a ludicidade, o 'Cardápio de brinquedos e brincadeiras' fortalece o vínculo entre adultos e crianças.

O documento está disponível para download gratuito no site da Plan International Brasil.

Acesse aqui.

ONGS SE UNEM PARA COMBATER A EXPLORAÇÃO E O ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Numa sociedade em que muitos atores vêm lutando diariamente para acabar com as desigualdades de gênero, com projetos e iniciativas honrosas em prol do empoderamento feminino, infelizmente ainda esbarramos com uma cultura machista que impede avanços importantes em causas como o combate à exploração sexual e abuso de crianças e adolescentes.

Os números mostram a urgência do debate do tema. Só nos anos de 2015 e 2016, a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, por meio do Disque-100, recebeu mais de 37 mil casos de denúncias de violência sexual na faixa etária de 0 a 18 anos, o que corresponde a 10% das ligações feitas à central telefônica.

A maior parte das vítimas é de meninas (67,7%), seguido por meninos (16,52%) e não informados (15,79%). Cerca de 40% dos casos eram referentes a crianças de 0 a 11 anos. As faixas etárias de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos correspondem, respectivamente, a 30% e 20% das denúncias. Os homens (62,5%) e adultos de 18 a 40 anos (42%) são apontados como autores da maioria delas.

Para buscar alternativas e reduzir os alarmantes números dessa triste realidade brasileira, a Plan International Brasil, que atua fortemente nesse combate, ganhou importantes aliados. Em 18 de

maio, Dia Nacional do Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes mais quatro organizações (Childhood Brasil, Fundação Abrinq, Instituto Liberta e a Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) se uniram à Plan International Brasil formando uma coalização para conscientizar a sociedade sobre a urgência da criação de medidas e redes de proteção às crianças e adolescentes de todo o país.

“O enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil passa por uma mudança de mentalidade em relação ao assunto, o que só acontecerá se falarmos sobre isso insistentemente, no mínimo pelos próximos 10 anos”, acredita Luciana Temer, diretora do Instituto Liberta.



ADVOCACY PELA PROTEÇÃO INFANTIL

Por reconhecer a necessidade urgente da criação de políticas públicas que garantam a proteção das crianças e adolescentes, a Plan International Brasil vem atuando com iniciativas de advocacy com foco na garantia de direitos.

Uma das primeiras iniciativas da Coalização formada foi a realização do Fórum Exploração Sexual Infantil – evento organizado pela Folha de S.Paulo, que lançou luz ao debate de temas que ainda emperram a evolução das políticas públicas e falou sobre importantes avanços.

O tema foi amplamente discutido no painel “Avanços Legislativos”, que contou com a participação das deputadas federais Laura Carneiro (PMDB-RJ) e Maria do Rosário (PT-RS), da senadora Lídice da Mata (PSB-BA) e de Maitê Gauto, assessora em Políticas da Fundação Abrinq. A senadora Lídice lembrou que o primeiro passo rumo ao avanço legislativo foi a Constituição de 1988 ao introduzir na legislação o termo “sujeito de direito” às crianças e adolescentes, depois disso vieram outras leis e a mais importante delas, a aprovação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). “Foi naquele momento que o País passou a ser referência internacional, pois criou o Marco Legal do conceito de proteção integral da criança e do adolescente”.

A conclusão do debate foi que a cultura machista no Legislativo e no Judiciário é o que mais emperra a implementação de leis de proteção. Mas nem tudo é retrocesso, alguns avanços foram realizados, o principal deles foi a aprovação, em abril, da Lei de Escuta Protegida (13.431/17), de autoria de Maria do Rosário e de outros parlamentares.

A lei busca criar um sistema de garantia de direitos para crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência, com isso espera-se que o tratamento em um momento tão delicado, a vítima seja preservada do atendimento por qualquer profissional. A partir de agora, os depoimentos serão realizados com o apoio de uma equipe técnica capacitada, com todo o cuidado possível, evitando-se ao máximo a reiteração do depoimento e o contato com o agressor. “Tratar a violência sexual ensina o enfrentamento de relações de poder, isso tem sido um desafio muito grande. Com a Lei avançamos, a exploração sexual tem diversas especificidades e nos casos de denúncia por parte da vítima temos que ter muito cuidado, pois a violência sexual traz sobre a vítima uma dimensão de culpa, vergonha e dor que é impossível abordar sem um sistema de proteção cuidadoso e por profissionais altamente capacitados para tal”.

Laura Carneiro falou sobre outras importantes propostas que vêm sendo defendidas no Legislativo. “A criação de delegacias especializadas para atender crianças e adolescentes, maior velocidade nos processos judiciais e melhoria na qualidade da investigação, os Institutos Médicos Legais com profissionais preparados para atender as crianças e adolescentes que chegam são só alguns projetos em discussão”, antecipa.

Já Maitê Gauto, da Fundação Abrinq, lembrou que o Brasil tem um conjunto de leis que é considerado um dos mais modernos do mundo no que se refere à proteção infantil, mas em contrapartida apenas 3,5% dos projetos em análise refere-se ao sistema de proteção infantil. Para ela, mais do que debater a quantidade de projetos ou iniciativas com foco na proteção, faz-se necessário discutir as causas desses crimes. “Precisamos aprofundar o debate. Não tem como a gente discutir violência sem passar pela questão de gênero, pela cultura do machismo, a pobreza, as desigualdades sociais, a educação de qualidade. Ainda temos um longo caminho a percorrer”, finalizou.

PRITT FINANCIA ESPAÇOS EDUCACIONAIS EM ZONAS RURAIS DO MARANHÃO

240 crianças são diretamente beneficiadas com a iniciativa

A Pritt - marca inovadora em produtos escolares, em parceria com a Plan International Brasil, concluiu em fevereiro a etapa de infraestrutura do projeto “Construindo o Saber”, que busca melhorar a situação de duas escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental I em Codó, no leste maranhense. Com a iniciativa, 240 crianças estão sendo diretamente beneficiadas.

Na localidade de Boqueirão dos Vieiras, zona rural de Codó, a escola existente foi totalmente reformada e ganhou duas novas salas. Já em Mata Virgem, também na zona rural, a escola que funcionava em um barracão foi totalmente substituída por uma nova construção. Além das obras, as escolas foram equipadas com novo mobiliário e acessórios.

“Os produtos da marca Pritt estão presentes no desenvolvimento educacional das

“ O acesso à educação de qualidade é a força motriz para uma sociedade mais justa ”

Paula Gonçalves,
gerente da marca Pritt.

crianças e, por isso, acreditamos que o acesso à educação de qualidade é a força motriz para uma sociedade mais justa. Estamos muito orgulhosos de poder contribuir e financiar esse projeto, que oferece melhores oportunidades, levando um ambiente de aprendizado, cuidado e segurança aos estudantes, pais e professores da região”, explica Paula Gonçalves, gerente da marca Pritt.



CAPACITAÇÕES:

O projeto “Construindo o Saber” também está proporcionando o fortalecimento das habilidades e competências comunitárias, visando o acompanhamento das ações públicas na gestão dos espaços. Meninos, meninas, homens e mulheres, participam ativamente de oficinas e ações de promoção de direitos, construção de habilidades para a vida e empoderamento.

O corpo docente das escolas envolvidas recebeu formação complementar para melhorar as suas competências em sala de aula.

Além disso, os alunos e seus pais estão participando de oficinas sobre diversos temas, como conscientização em direitos e autoproteção.

“Muitas escolas na zona rural do nordeste brasileiro têm estruturas temporárias, sem carteiras, com falta de saneamento básico, falta de espaço, e as aulas são dadas em calor sufocante, amenizado apenas por tetos de sapé. Agora, além de uma infraestrutura adequada, essas escolas receberão o acompanhamento correto para também garantir experiências lúdicas para os estudantes”, afirma Anselmo Costa, gerente da Plan International Brasil em Codó.



www.plan.org.br



A Plan International é uma organização não-governamental de origem inglesa ativa desde 1937 e presente em 71 países. No Brasil desde 1997, a organização possui hoje mais de 20 projetos, impactando aproximadamente 70 mil crianças e adolescentes. A Plan International Brasil parte do princípio de que assegurar o direito de crianças e adolescentes é um dever e não uma escolha.

por ser **MENINA**

